

**CAROLINE  
FORTUNATO**  
**EU TENHO  
UM INFERNO  
DENTRO DE  
MIM**



# **Eu Tenho Um Inferno Dentro de Mim**

**Caroline Fortunato**

**APPALOOSA**  
Online Indie Publishing



Livro: AP0009

Fortunato, Caroline

Eu Tenho Um Inferno Dentro de Mim

Caroline Fortunato – 1 Ed. 2017

Appaloosa Online Indie Publishing

Capa:

Unsplash | Public Domain

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Rennan Sama / Editor

Felippe Regazio / Produção

Este Livro Contém:

. Eu Tenho Um Inferno Dentro de Mim

. Sobre Caroline Fortunato



Até então eu não acreditava no “amor da nossa vida.” Mas acabo de perceber que este existe sim, e com força: sou eu mesma.

# 01

Há um dia.

Que nasce belo. Mais belo que os outros dias.

Belo, não. Fascinante! Oh, sim.

Inclusive uma variedade de pessoas que não costumava reparar nos belos dias, naquele reparam – era inevitável. Mas também isso não significa que essas pessoas foram aproveitá-lo. Não. Apenas alguns mais ousados.

Entretanto, a vitalidade daquele robusto dia, por si só, não é capaz de conter a brutalidade feiosa da humanidade. Feiosa, não. Irracional, quem sabe; pobres humanos. Sempre tão animalizados (o pior que da pior forma possível).

Sabe o que se passou naquele dia, meus caros?

Algumas bombas nucleares explodiram, em algumas regiões, matando muitíssimas pessoas.

Sim, ocorreu qualquer infante-estopim, dando no que deu.

Imediatamente, contudo, o mundo se mobiliza – ou melhor, aqueles que diziam serem os chefes de suas respectivas regiões, pois se os humildes é quem tivessem essa dita autoridade talvez não transcorresse brincadeirinhas como guerras – e dá um jeito de conter o início de uma aparente 3ª Grande Guerra (ah, quando querem, parecem até com Deus).

E, em meio àquele dia ironicamente fascinante, brota uma instável e chorona paz.

Mas esperem. O dia estava bonito por demais! Chegava a ser estranho.

Isso mesmo. Aquele dia, primeira vez de sua estreia, tinha um caráter realmente inusitado. Para eu ser mais clara, o dia não era muito são, entende? Um cérebro e meio. Assim, coisas estranhas começam a suceder.

Quereis exemplos? A parte da população mundial que sobreviveu aos ataques nucleares – parte significativa ainda, em termos absolutos – começa a falecer, cada um por dado motivo, esses que normalmente matam mesmo, mas que resolveram dizimar toda a população de uma vez só, complementando o objetivo das anteriores bombas.



Uns morriam por radiação, outros por doenças, outros por acidentes, por serem vítimas de crimes, por banalidades, por suicídios; morriam de amor, de tristeza, de desfalecimento ou depressão e inclusive por causas de mortes até então desconhecidas. Tudo de uma só vez!

E assim é o fim do mundo.

Mas claro que, como as exceções são sempre muito vivas, umas três, quatro pessoas sobrevivem – algumas consideradas muito saudáveis segundo os padrões até então vigentes pela civilização, e outras bem anti-saudáveis, onde especialistas já haviam determinado o seu fim, e agora descobriam a sua saúde de ferro.

Como iniciar novamente o mundo, se já sabiam no que ia dar?

## 02

- Olhem só que gracinha!
- Que belezinha.
- Dá vontade de morder.

Não mordiam, porém faziam pior: apertavam as bochechas do pobre neném.

Este, o neném, visivelmente sentia-se sufocado devido a tanta gente à sua volta. Visivelmente, mas todos ali fingiam não notar – acreditavam que, por educação aos pais da criança, tinham de paparicar até dizer chega!

- Mas que fofura!
- Vejam só a arma de brinquedo dele. Lindinh...

A suposta arma de brinquedo é disparada. Pelo bebê. Na parede, bem como na alma profundamente assustada daquelas pessoas.

## 03

– Não, pai! Por favor! Eu não quero ir – chorava e berrava, segurando na perna da cama. O rosto tornara-se sangue de tão vermelho.

– Vai sim, menino! Quer que eu te dê umas palmadas? – quanto ao pai, tentava ser duro. Mas uma pessoa atenta perceberia certa carga de docilidade nessa sua única frase. Pai corujão.

A mãe chega do serviço finalmente, mas em boa hora. Surpreende-se com a cena:

– O que está havendo aqui?

– Seu filho não aceita ir para a nova escola que escolhemos para ele.

– Mas filho – delicadamente, a mulher agacha-se ao lado do menino e lhe acaricia o cabelo –, nós mudamos de cidade. Você não pode ficar sem escolinha.

– Que escolinha o quê, mamãe – senta-se no chão. – Eu já sou grande. É escola que se diz.

– Grande e fazendo uma birra dessas? – lança um olhar

vitorioso ao marido, que por sua vez corresponde. – Que homem é esse então?

– Ah, mas de vez em quando pode. Pergunta pro papai. Ele também faz birra de vez em quando.

O casal se olha em um mix de espanto e confusão, mas preferem não investir no assunto, o calando de vez.

– Sei que você gostava de sua ex-escola... – prossegue a mãe, que é interrompida.

– Gostava nada! Eu não gosto de escola alguma, na verdade.

– Mas por que, meu filho? – intervém o pai.

– Porque ninguém gosta de mim – amuado.

Mais uma vez os adultos trocam olhares.

– Ora, filho. Que complexo – diz a mãe. – Isso é coisa da sua cabeça. Não tem como todo mundo não gostar de você.

– Algumas pessoas realmente acabam não gostando – o pai escolhe cuidadosamente as palavras. – Mas ninguém agrada a todo mundo. O certo, pois, é dar valor aos nossos verdadeiros amigos, filhão. Claro, saber identificá-los primeiro. E é assim que se é feliz; não é diferente pra

ninguém.

Essas palavras influem no garoto. Nessa idade, somos muito vulneráveis a lições de moral.

É assim, portanto, que o menino cede indo à escola no dia seguinte. Porém, ainda banhado por receios.

Na classe, a professora o apresenta:

– Pessoal! Esse é o Davi, o novo coleguinha de vocês.

Gostaram dele?

Em coro:

– Não!

E ele abre o bocão.

## 04

Uma família do Oriente Médio é obrigada simplesmente a abandonar sua moradia e sair por aí afora, andando, somente com alguns pertences, em busca de outro local que não o seu país – a Síria.

Abrigos, talvez. Mesmo que tivessem de serem imigrantes ilegais.

Pois toda aquela guerra civil estava insustentável. Já perderam muitos familiares e amigos em meio a ela. Há tempos não sentiam a faísca da alegria. E não havia mais lugares seguros na Síria.

Assim, em meio ao tortuoso caminho, a única idosa do grupo, corcunda, já não pode mais.

Então sua filha, genro e netos, sem muita hesitação, a abandonam ali e prosseguem. Mas não por falta de compaixão. É que todo o sofrimento, desde o início, daquela situação no país, as perdas e agora ambos aliados à caminhada torturante, com todas as adversidades do meio (que acabam animalizando os humanos), fizeram os

membros dessa família perderam um pouco a noção de sensibilidade e até do medo.

Medo porque, por exemplo, o pai da família, com sede, vê soldados do governo tomando água, em um momento em que coincidentemente passava por eles. Vai até lá, então, a fim de obtê-la. Se tivesse em sã consciência, saberia que seria morto. E a água não era necessariamente para toda sua família, e sim para si, pois perdera a noção da fraternidade também.

Agora aquelas crianças já não têm mais pai.

Basicamente, foram perdendo a essência do que é ser um humano – que, cá entre nós, já não é muito sólida.

A avó dessa família igualmente não se entristece quando rapidamente a abandonaram ali, perto de uma escola que era explodida no momento pelo próprio Governo e sob o calor. Em uma espécie de masoquismo – sentimento que lhe surgiu na guerra, acentuado a cada sofrimento mais – se diverte conforme vai observando a si própria se decompondo com o sol quente, enquanto está encostada.

Solta risadas baixinhas insanas.





## 05

– Hora do almoço, endinheirado!

O outro, ao invés de responder, tosse. Sempre tossia quando ficava nervoso, ou quando ouvia falar de comida. E era magro, bem magro. Embora comesse exageradamente, advertindo que só lhe faltasse fome.

– Ué, mas não estou achando a comida. Será que hoje a Celina não deixou comida pronta? – prossegue. Celina era sua mulher.

Os dois senhores, um aposentado e o outro afastado, eram irmãos. O segundo, Eli, era solteiro e vivia ali, com o seu irmão Saulo.

Eli menciona agora suas sobrinhas:

– E o pior é que as meninas não estão aqui pra falarem se sabem de alguma coisa. Às vezes a Celina disse para elas.

– É mesmo. Mas não se preocupe Eli, eu já achei – anuncia Saulo junto a uma panela. Saulo mimava muito a Eli.

Eli sorri discretamente – ao menos tenta –, mas é um forte sorriso de satisfação.

Uma das filhas de Saulo, Valéria, chega do serviço para o seu horário de almoço. Antecipadamente seu pai, com a boca cheia, indica orgulhoso onde estava a comida. A moça vai até lá e, após analisar, inquire:

– Cadê a comida, papai?

– Ora! Tá aí. Não tá vendo? – sendo ligeiramente grosso.

Ela, percebendo, é então claramente grossa:

– Não, não tô vendo! O que vejo aqui é somente a comida do cachorro.

Saulo, que era muito nojento – estômago fraco –, corre ao banheiro devido às de repente ânsias de vômito.

Valéria volta-se a seu tio, que permanecia a mastigar.

– Não ouviu não, tio? – repreensiva. – Isso aí era a comida do cachorro.

Obrigado, larga então o seu prato. Mas não deixa de avaliar:

– Mas tava gostoso!

Minutos depois, Saulo retorna do banheiro com a cara

lavada. Explode:

– Já vi que estão podendo mesmo, hein? Onde já se viu; pasta de dente pro cachorro?! E pelo jeito tudo aqui agora é só pro cachorro: a comida, a pasta...! O pior é que podiam ter avisado né? E não deixar que a gente descubra da pior forma possível que o nosso cão escova os dentes!

## 06

Pegou um copo d'água.

E saiu andando pela casa enquanto o tomava. Entretanto, derruba parte do líquido no chão mediante seu então agitação.

Na escada, depara-se com alguém lá embaixo. Alguém que não reconheceu. Seria por culpa da distância? Distância astuta.

– Quem é você?

Então o homem – o desconhecido lá embaixo –, na verdade um senhor, que lia sossegado um jornal com auxílio de óculos, olha a menina um pouco perplexo, sem entender a pergunta, intolerante para brincadeiras.

– Como quem sou eu?

– Quem é você? Já disse! – agora o temor afasta-se dela, criando um tom autoritário e exigindo-lhe uma resposta exata.

– Sou seu tio, oras! – perde a paciência. – Não está me reconhecendo? Será que tá precisando de óculos também?

– agora parecia mais compreensivo.

Desse modo, a garota sai correndo de volta à cozinha (de onde emergiu). Estava aflita, temperada ao desespero.

Sabia perfeitamente que enxergava muito bem. E que a questão não era essa: também não reconheceu a voz daquele senhor. Seria, mesmo assim, verdade? Era cética demais para lhe acreditar.

Então, visando salvar seu pai (com quem vivia) do pior, busca pelo revólver que sabia que ele tinha em casa, onde, certa vez, ainda mais jovem, descobriu “por um acaso” o esconderijo do objeto – que, aliás, por falta de desconfiança, o pai nunca mais mudara de lugar.

Mas não havia revólver. Será que o idoso ladrão disfarçado de seu tio já tinha se apoderado dele antes?

Num repente, se lembra de que o solicitado revólver fora enterrado junto de seu pai.

O doutor apenas a fitava com aqueles olhos esbugalhados; assustados. Haveria vestígios de lágrimas? Não, aquele pontinho tremeluzente no mais distante de sua pupila era apenas emoção. A boca ligeiramente tremia.

– Diga doutor! Pelo amor de Deus! Quer me matar do coração, é? – a mulher à sua frente surta.

– Tem razão – o profissional finalmente se expressa, e a voz estava fraca. – Só o amor e a misericórdia de Deus poderão curar seu filho agora – e, inesperadamente, vira as costas e vai embora, como se já não tivesse mais nada a ver com aquilo; como se sua compaixão de alguns instantes atrás tivesse sido exterminada.

A mãe, aquela senhora, fica simplesmente em estado de transe, o corpo inteiramente rígido como rocha. Era uma inconsciente de pé.

Enfermeiras, que percebem o seu estado, são as únicas capazes de auxiliá-la.

Dias depois, aquela senhora finalmente volta a visitar seu filho com leucemia, internado naquele hospital.

– Mamãe? Puxa, pensei que tivesse me abandonado, uma vez que meu caso já não tem mais solução. Sabe como é: pra que sofrer por um filho inválido, se você tem tantos outros saudáveis? Desculpe-me mesmo, do fundo do meu coração, por ser esse fardo. Tudo o que mais quero é te ver feliz, mamãe. Você é a pessoa que eu mais amo neste mundo; que me dá as mais ricas forças.

Aquela senhora passa a chorar inconsolável. Mas busca se controlar, pois o que tinha a dizer era mais importante que quaisquer emoções naquele momento:

– Como pode dizer um absurdo desses, meu filho? – seu tom de voz era gentil. – Dizer que eu o esqueci; que desisti de você? Você não tem noção do quanto é amado, querido – passava a mão na testa dele. – Sabe o que é isso? – fica ereta de repente, utilizando-se de uma voz mais firme. – Falta de fé, de confiança. Você já não tem mais esperanças, e é isso o que está te matando. E acontece que eu passei esses dias todos sem vir cá porque

estava atrás de sua cura, e hoje a trouxe comigo.

– Enlouqueceu mamãe? Embora não me informem de nada, talvez por eu contar dezesseis anos apenas, pouco na concepção de vocês, não sou tão ingênuo a ponto de acreditar que meu caso se resolverá milagrosamente. Já percebi que não tenho chances – não falava com pessimismo, mas sim com maturidade de quem entende o próprio quadro e o aceita sem fazer escândalo, como se já estivesse preparado.

– Filho, lembra-se da famosa frase: “A fé move montanhas”? Pois bem, deixe-me contar minha travessura. Eis que contratei um profissional da mente. Sabe? Esses caras que conseguem flutuar, por exemplo, utilizando-se apenas do poder de sua mente. Então. Você terá umas aulinhas por uns dias com ele. E então, com o poder de sua maravilhosa mente, matará a doença que está te corroendo.

O garoto tenta a palavra, mas é interrompido:

– Mas tem um porém: em momento algum você poderá vacilar em sua fé. Tem de acreditar constantemente, senão o processo não funciona.



– Mãe, isso é doidice – é tudo o que o menino consegue pronunciar, cansado.

– Pode ser sim um método doido e exótico, filho meu. Mas vai negar que é uma boa alternativa? Acredite: você não é pioneiro nessa tentativa. Já houve casos em que pessoas se curaram de doenças mais graves que a sua com o comando da mente, e sem a ajuda de profissionais, como será o seu caso. Foram na fé bruta. Crê?

A Copa do Mundo 2014 encontrava-se em seu fim.

E, no ano mencionado, sua sede fora no Brasil.

Houve atritos.

Em junho daquele ano passado, quase toda a população jovem marcou a história do país ao sair nas ruas reivindicando os pontos mais básicos e cruciais – como educação e saúde – nos quais o Estado visivelmente atuava com uma corrupção assustadora, e já havia relaxado quanto à discricção, julgando ser o país facilmente trabalhado à sua manipulação.

Mas tal revelação foi surpreendente. Nesta época, todos ficaram orgulhosos. Acreditavam que protestos por parte da população brasileira era algo em extinção, que o povo já havia se acomodado e ninguém estava nem aí para nada etc.

Não foi só no Brasil que transcorreram manifestações, mas sim em todo o mundo. E o interessante eram essas populações jovens fornecendo apoio aos também ativistas

de outros países. Um fato mútuo e encorajador.

Refletia uma mocidade mais crítica e preocupada com os rumos de suas nações. Com visões menos arcaicas que a de seus governantes – como os jovens do Oriente Médio, que lutavam por democratização, já fartos de todo aquele caráter ditatorial, apoiados com as mais saudáveis visões modernas.

Diziam que o gigante havia despertado no Brasil. Todos tiveram de aplaudir essa nova geração, enquanto o governo ficara desesperado em atender de modo imediatista – e pouco eficiente – as reivindicações. Exasperara-se.

Depois disso, inúmeros outros movimentos pegaram carona nesse despertar, e desde então podemos dizer que o país transformara-se num país ativista – totalmente o contrário do que fora nos anos anteriores a 2013.

No entanto, aquela mesma população que outrora aplaudira agora se cansava. Isso porque era muitas vezes prejudicada em seu cotidiano, como avenidas bloqueadas por manifestantes, ficando o trânsito dez vezes mais impedido do que de costume.

O tratamento da mídia, porém, talvez tenha sido o maior fator. Parara de tratá-los como os de repente heróis, acusando-os, em 2014, indiretamente, de ser a pedra no sapato da nação.

E, nessa época, chegava a Copa do Mundo.

Uma das maiores petições do povo eram aqueles pontos cruciais padrão FIFA. Apontavam que o Brasil não tinha estrutura para sediar um evento como a Copa. Não exatamente estrutura, mas apenas se sentiam apunhalados pelo país por abandonar definitivamente suas verdadeiras e muitas necessidades, querendo demonstrar grandiosidade, atuando ao internacional e não se voltando ao seu espaço interno. Como sempre querendo viver de aparências – e superficialidade.

Então, no período da Copa os manifestantes foram tratados, pela mídia, por exemplo, como verdadeiros vilões, que estavam apenas incomodando. Consequentemente, todos se voltaram contra eles.

Em certas instâncias, a mídia nem falava mais em protestos, como se eles não estivessem acontecendo.

A polícia, comumente incapaz e até submissa ao crime

em geral, o que tanto causa insegurança na população, fora com vontade treinada e reprimia sem deixar nenhum defeito ou qualquer pico de manifestação. Agira como na época do período militar. Com uma eficiência que os indivíduos não estavam acostumados a ver. Eficiência brutal.

Imobilizavam manifestantes, e mesmo assim atacavam os seus olhos com spray de pimenta, por exemplo.

Mas esse tipo de coisa quase não se mostrava. Mostravam apenas os Black Blocs que quebravam tudo – costumavam atacar símbolos do sistema capitalista e da corrupção (bancos, por exemplo), mas não pessoas (só quando em resposta à polícia).

Por isso, o sentimento de insatisfação geral existia, mas muitos resolveram amenizar um pouco a postura no período da Copa Mundial, e usufruir. Não obstante, protestar no período da Copa foi somente aos mais corajosos, e que realmente tinham uma postura definida – ou, simplesmente, foi também apenas por moda entre a população jovem rebelde.

Contudo, a corrupção da Copa servira para despertar a

população – e, depois, até como pretexto e base para a expressão de indignação. Não que este evento tenha sido o caos que viera assolar nosso país. Trouxera muitos legados de miséria sim, mas, em contrapartida, demonstrou que desperta o nacionalismo, e ainda interagem povos com diversos outros povos de várias nações. É um período alegre e de fidelidade cívica. E, o mais curioso, é que nos sentimos unidos com cada irmão nosso nacional – o que não ocorre quotidianamente, onde nos sentimos isolados, em nosso mundo egoísta e até sob competição, esquecendo que o outro também é brasileiro. Há um mesmo sentimento em todos; um sentimento patriótico e não em si futebolístico. Assim, quando o Brasil perdeu, na semifinal, de sete a um para a Alemanha – algo espantoso, mas que não deve ser chamado de vergonha –, embora a revolta de uns, o mais admirável foi a permanência da lealdade por parte da maioria à sua tão amada pátria.

E aquele sentimento geral de tristeza e desânimo era de partir o coração. Porém, quando é que quase duzentos milhões de pessoas se entristecem por um mesmo fator?

Magnificante mostrar-se de mãos dadas.

Talvez seja este o espírito de tal evento mercantilista.

Enquanto caminhava por sobre uma calçada, defronte à beleza do abandono e do esgarço, ambos desenhados naquele casarão, gradualmente ela tinha uma overdose de si mesma.



## 10

Intervalo.

Três amigas sentadas no pátio da escola.

Eis que o bibliotecário, um estagiário ainda jovem, passa por elas apressado, com livros que escapavam de suas mãos. O trabalho aquele dia provavelmente estava gordo!

Uma delas, Clarissa, começa a paquerá-lo.

Fala ininterruptamente, animada, sobre o moço.

– Que gatinho! Meu Deus! Meu número. Quero ir lá falar com ele.

Mas aí um pombo faz cocô em sua cabeça.

Suas duas amigas riem escandalosamente, escarnecendo-a ao máximo.

– Vai lá falar com ele agora, Clarinha! Mostre toda a arte moderna que está em sua cabeça.

Então Clarissa levanta-se furiosa, saindo zangada.

As colegas, automaticamente, vão atrás dela, mesmo que pedindo desculpas ainda zombando-a.

E Clarissa fica sem falar com elas por uma semana inteira.

– Não temos culpa se o pombo cagou na cabeça dela, oras!

Um rapaz senta-se em uma das muitas mesas de um “bandejão” de determinada universidade, com o seu almoço.

Alguns o olham chegar (logo disfarçando), como todo instinto social humano.

Todos conversavam ali. Mas ele não se atreve a migrar na conversa, pois não conhecia ninguém. Passa então todo o período mirando apenas sua bandeja, e não sentindo o gosto da comida.

Mas este rapaz, exatamente como o seu comportamento ali, em verdade não conhecia ninguém – e tampouco conversava – em toda a face da Terra. Absolutamente.

Era um mudo artificial. Andando sempre com aquela cara de desgraçado. Sem nunca fazer nada, bem como sem qualquer interesse em saber como seria ter contato com algum outro indivíduo.

Sem vida; oh vida!

Entra num ônibus, certo dia (seria com consciência do que estava fazendo?).

Naturalmente, as pessoas ali, com expressões enfatiadas, aguardavam impacientemente os seus destinos.

Entretanto, o motorista simplesmente resolve mudar radicalmente o trajeto. E, quando os passageiros percebem, estavam em outro Estado, totalmente fora de mão.

E o homem que não conhecia ninguém se interessa pelo motorista. Tornam-se amigos.

Um ano depois, se casam.

Quanto mais a gente cresce, mais o mundo nos suborna, tenta nos sugar para as suas ideologias – que não coincidem comigo, sinto muito.

Quanto mais nos entrosamos no mundo, e até quando se triunfa no mundo, mais ele vai nos afastando da gente mesmo. É verdade; é triste. Talvez seja um plano, plano do sistema. Eu sinto saudades. Mas ninguém vai afastar-me de mim, por mais forte que sejam as forças que tentem. Tentam me arrancar a escrita; isso é quebrar-me.

# 13

Antigamente, bem antigamente, as mulheres eram tidas como sagradas por gerarem a vida.

O sexo – o orgasmo – era tido como um encontro com Deus.

Mas a imagem dessas duas coisas foi propositalmente difamada, endemoninhando o sexo e a mulher – a mulher como espécie de demônio por despertar o desejo sexual no homem; como se ela não sentisse desejo!

Antigamente havia certa busca pela harmonia entre os sexos. A mulher, simbolizada pelo cálice, o homem, simbolizado pela espada, é o encaixe, o equilíbrio perfeito.

Hoje, essa fusão de paz entre ambos os sexos é uma das coisas mais belas e admiráveis para a qual eu olho, chegando a me emocionar. Se isso fosse atingido então...

O feminismo não é o oposto do machismo. Sob hipótese alguma. Acontece que, após séculos de opressão, as mulheres necessitavam mesmo de um movimento

muito forte que chegasse à altura de todo o fortíssimo machismo enraizado, e então poder conquistar não só os seus direitos, mas para que também todo o seu valor fosse reconhecido. Mas o feminismo não é perfeito – assim como nada que o ser humano toma a frente para operar; isso está presente em nossa belíssima natureza. Ora e outra o movimento acaba sim por tomar uma face competitiva, e então se funde com o machismo que por si só já é historicamente competitivo... Embora seja até digno de compreensão essa explosão incontrolável por parte das mulheres após séculos, como já foi dito, de opressão. Por isso encontramos, às vezes, mulheres com raiva e até ódio dos homens, extirpando-se a vital união entre ambos.

O sexo masculino e o sexo feminino continuam sendo dois polos belamente distintos (e integrados). Cada um é um mundo, com infinitas semelhanças e diferenças. Entrementes, eu diria que são dois mundos recíprocos.

É preciso, ainda, muito sabedoria por parte desta dupla de sexos.

Eu amo a minha origem ser do sexo feminino. No que é

essência, eu não vingaria no outro sexo. E, como mulher, eu me basto. Sou também apaixonada pelo sexo masculino. Eu amo opostos – eu mesma já sou o oposto de mim –, bem como necessito de tais, para que me complementem e também me descontrolem de um modo necessário. Eu amo esse sexo alheio a mim, tão distante ao mesmo tempo em que tão perto, que me traz singelamente outro universo desconhecido. A natureza tem uma natureza de ser oposta e simétrica, a começar pela matéria e antimatéria que formaram o mundo lá no Big Bang.

Há, ainda, o homogêneo que existe não só na espécie humana, mas em mais de outras quatrocentas espécies.

Existe amor, dos reais, entre pessoas de sexos opostos e de mesmo sexo. Sim.



João.

Um nome simples, comum. Ele imaginava que teriam sido exatamente esses os motivos para que seus pais lhe chamassem assim: para pouparem a eles mesmos o trabalho de pensar em um nome marcante, de significado, que contasse histórias. Provavelmente fora o primeiro nome que veio à cabeça de seus progenitores. João e só. Nem um sobrenome igualmente comum. Ao menos, ele não se lembrava.

Aliás, vai saber se foram mesmo os seus pais quem lhe chamaram João! Supunha isso instintivamente, mas não se lembrava de seus pais. Acontece que, desde que “se dava por gente”, simplesmente acostumou-se a ter tal nome.

João estava morando há um ano em uma lata de lixo, na cidade de Vitória, no Espírito Santo. Já não se incomodava mais com o cheiro. E os lixeiros não levavam as suas coisas embora porque passaram a conhecê-lo.

E, mesmo quando ele se ajeitava – ou se arrumava – o melhor que podia, e saía em um passeio pela sobrevivência, as pessoas, curiosamente, pensava ele, além da tradicional indiferença e asco, tinham-lhe também medo. *Medo!* Era esse o fator que mais entristecia João: ele jamais cogitara fazer mal a alguém.

João era negro.

E um dia, em um dia de atrevimento – todos nós temos algum dia em nossas vidas em que o hormônio da adrenalina esteja eufórico, quem sabe, e então tornamo-nos prazerosamente ousados. O que é que tem, afinal?

João não era desses. Mas resolve sê-lo por um dia. E experimentar. Era um dia dentro de si que sentia sede de descobertas boas! Então ele se permite. Afinal, sempre via os outros homens fazendo o mesmo...

Uma mulher passa, toda bonitinha. E ele assobia.

Instantes depois, João é violentamente morto.

Ela era branca. Ele, mendigo.

E assim prossegue o nosso inteligentíssimo planeta. Que as palmas cessem!



Para onde, afinal, o conhecimento nos leva?

De acordo com os índices mais altos de instrução estabelecidos, uma pessoa é plausivelmente esclarecida de acordo com todo o conhecimento que ela possui – aonde este, normalmente, vem a ser adquirido através de um nível universitário, através de muito estudo, leitura, pesquisas e por aí vai. Então, depois de todo esse esforço, é possível que essas pessoas não sejam tachadas de alienadas. Será mesmo?

É possível estarmos aprendendo somente o que querem que saibamos; o que foi estrategicamente selecionado. E, comigo pelo menos, apenas a busca pelo conhecimento, em toda a parte do tempo, não funciona. Ora e outra – muitas horas, aliás – eu preciso aquietar minha mente, deitar em uma grama qualquer e contemplar o céu azul sem nada indagar, mas apenas me deixar ser acariciada por toda aquela beleza inexplicável, sentindo a Vida (que não é de se entender, pois, como certa vez minha melhor

amiga muito bem frisou: “a vida não é irônica, e sim sábia demais para que possamos entendê-la”).

Alguns chamariam de ignorância. Eu sempre necessitei de um pico de ignorância em equilíbrio com o conhecimento – ambos, em demasia, me apertam o pescoço.

Por fim, eis que não cheguei à resposta alguma de “aonde nos leva o conhecimento?”. É que simplesmente de nada sei. E isso, meu ilustríssimo, é o mais belo que há.

Minha filha estava prestes a fazer uma viagem escolar. Tem ela nove anos. Ela ia, com sua turma, visitar uma usina de cana-de-açúcar, creio.

Fui levá-la, assim, a sua escola mais cedo naquela manhã. E lá estava o ônibus, a professora e os demais coleguinhas. Dispersos – fazendo jus ao contexto.

Bom, minha filha sempre foi tímida. Mas naquele momento criei noção do quanto. Ela não saía de perto de mim. E estava trancafiada por uma posição de rigidez, pelo tremor, corada... Em suma, trancafiada por uma pessoa que não era ela naquele instante.

Eu disse, pois:

– Vai lá com as meninas, querida.

Essas meninas estavam todas amontoadas, agregadas num canto. Divertiam-se, aparentemente. Inundando o ar com suas risadas infantis.

Minha filha, então, acata o meu conselho e vai até suas colegas de classe. E vai sob aqueles passos lentos que

desejam veementemente serem impedidos, bombardeada por um tremor sutil e exuberante...

Mas enfim, a forçada caminhada cessa. E num repente minha filhinha se encontrava lá, ao lado de suas coleguinhas. Não diz nada. Se porta apenas como uma estátua que arfa.

Desse modo, as meninas pouco a pouco vão indo embora, até que àquela a quem eu humildemente concedi essa insanidade de vida fica lá, sozinha, acabada em si mesma, e cortando a minha própria vida insana em pedaços tristes, mui tristes.

Tomás, um brasileiro de quarenta anos, com aparência de mais jovem, moreno, forte e baixo, passava as férias no Egito.

Naquele momento, ele e mais alguns turistas conheciam um museu através de um guia. Estando a maioria interessados, pedem ao profissional que lhes mostre e explique tudo, não deixando escapar nada.

O guia, assim, passa a gostar daquela turma de estrangeiros específica – por darem crédito ao seu trabalho. E, desse modo, atende-lhes o pedido com prazer.

Os leva, inclusive, por um corredor onde não costumava levar grupos de turistas, já que era muito complexo. Em compensação, as salas as quais ele dava acesso eram extremamente compensatórias do ponto de vista cultural.

Porém, além da complexidade (parecia um labirinto) o corredor era surpreendentemente longo. E não havia sinal



para o uso de seus telefones celulares nem ali, nem depois dali.

Toda aquela turma começa a ter, em silêncio, um mesmo sentimento unânime de que não saberiam voltar caso estivessem sozinhos. Mas chegam enfim.

Nas primeiras salas, a sede por conhecimento presente em cada indivíduo explora ao máximo tudo o que havia lá dentro. Tomás, igualmente empolgado, olha casualmente o guia, no entanto, e lhe nota algo estranho. Mas julga ser coisa de sua cabeça, em seguida se esquecendo do fato e logo se voltando aos artefatos.

Os turistas, por sua vez, decidem mudar de sala. Elas já estavam acabando, e logo teriam de retornar – não podiam demorar, afinal. Cada um ali possuía suas obrigações em um mundo burocrático e externo.

Vão fazer a solicitação ao guia, pois então. E é quando todos percebem que havia algo de muito errado com o trabalhador.

– Quem são vocês? – o homem de repente assusta-se agitado com o grupo que até então conduzia ali.

Todos se entreolham. De início pensam que é alguma brincadeira. Uma brincadeira de muito mau gosto – além de infantil; oxalá! Só depois vão constatar que o guia, não se sabe o porquê, e subitamente, havia sofrido perda da memória.

Acontecia uma festa de noivado dentre amigos.

É lá que Lucas e Iolanda se conhecem. Dão-se muito bem; conversam e se divertem bastante, como se já se conhecessem há meses. A bebida talvez tenha os ajudado a se soltarem mais rápido.

Nasce o interesse naturalmente. Ao fim da festa, se flagram juntos. E, a essa altura, estavam dentro do carro de Lucas, no banco de trás.

O rapaz então, subitamente, declara:

– Nossa! Que calor! Vou arrancar minha blusa.

O faz. E, para surpresa de Iolanda, de repente o companheiro estava arrancando as calças também. Reservada que era, enrubesce, tapando discretamente o rosto com uma das mãos.

– Tira a sua também – ele aconselha.

– Não, obrigado. Fico mais à vontade assim.

– Você é quem sabe – e, eufórico, pula para o banco da frente. – Vem aqui pra frente! Aí realmente tá muito calor.

Iolanda obedece:

– Vai me levar embora?

– Já quer ir?

– Acho melhor sim.

– Tudo bem então. Você é quem manda gatinha! Eu só obedeço – colocando o cinto de segurança.

– Hein? Você vai me levar *desse* jeito? – surpresa, faz referência à cueca de Lucas, única peça de roupa que ele usava.

– O que é que tem?

– E se meus pais te pegarem assim lá na porta de casa?

– Ih! Dá nada não. Relaxa bonita – liga o carro e vai.

Não havia muitas pessoas ou automóveis circulando pela cidade. Mas, quando param em determinado semáforo, um casal em uma moto ao lado do carro deles observa Lucas um pouco incrédulos.

Chegando a sua casa, Iolanda abre o portão com a chave que continha, desse modo não precisando acionar ninguém de sua família. Agradece ao seu companheiro, dá tchau e o observa indo embora, de cueca, satiricamente

torcendo para que, na volta, a polícia o parasse e o pegasse daquele jeito.

Na cidade do Rio de Janeiro, nos famosos horários de pico, havia um ônibus, naturalmente, com muitas pessoas para poucos bancos. Desse modo, nem aqueles que estavam sentados se encontravam confortáveis, pois é desagradável aquele mar de gente comprimida, se equilibrando como podem enquanto ficam de pé ali no corredor. E acabam por quase cair em quem está sentado. E era verão. E o ônibus não continha sequer um ar-condicionado.

Não nos esqueçamos do motorista: ele também sofre. Certamente irá almoçar somente às nove horas da noite.

Em uma lombada abrupta, todos dentro daquele ônibus se desequilibram. Uma mulher, inclusive, para não cair, agarra o cabelo de um moço cabeludo que estava sentado – um metaleiro. Ele expressa dor, mas logo se contém. Ela, por sua vez, desculpa-se envergonhada por seu ato instintivo.

Algumas pessoas descem e então a fila anda. Essa mulher consegue ir um pouco mais para trás. Quando se estabelece no novo local, um senhor vira-se para ela e comenta baixinho, em tom de brincadeira:

– Cuidado pra não cair dessa vez, moça, pois agora não tem mais onde se segurar – e aponta para o homem mais próximo sentado perto dela.

Vendo que este era careca, a mulher se segura para não rir. E é aí que observa melhor e eis que nota um piolho, bem grande, tentando subir na cabeça dele. Tentava, escorregava, era persistente o inseto.

Chegam ao ponto final. Todos descem e a situação se dispersa. Mas aquela moça fica curiosa para saber o que de fato aconteceu com o bichinho.

Era madrugada.

O aniversário já havia se findado. Mas alguns jovens ainda permaneciam na casa. Nesse momento, estavam na sala assistindo televisão. Três meninas, no menor sofá, se cobriam com um único cobertor – fazia frio.

A aniversariante junto a outro colega se encontrava no maior sofá, esparsos. E, ainda, havia mais dois rapazes na porta, em pé.

Um desses, de repente, peida. O amigo que se encontrava junto a ele entra de vez na sala e todos os garotos tentam fechá-lo para fora. As garotas, por sua vez, estavam constrangidas.

– Eu só quis fazer uma coisa engraçada! – desculpava-se.

Passada a euforia do ato, a aniversariante anuncia:

– Ah! Tô com sono. Vou dormir.

– Certo. Boa noite – todos assentem. Despedem-se e ela vai. Restando somente os últimos convidados.



O rapaz que havia peidado então presta um pouco mais de atenção ao filme que passava – onde ninguém mais estava atento. Era um desenho. E então ele proclama:

– Cara, esse filme é muito bom! Eu tive sorte.

Todos se voltam para ele com indagações:

– Teve sorte por quê?

– Do que ele tá falando?

– Porque eu assisti ao filme e ele é bom. Muita sorte!

– Meu Deus – ninguém resolve contrariar.

Ele, aliás, estava de rolo com uma das meninas ali. Quando o acanhamento se esvai, os dois resolvem sentarem-se sós em um banco que havia no quintal da casa. Estavam lá conversando e, quando um dos rapazes que ficara lá dentro percebe que eles estavam se beijando, diz:

– Vou lá trolar! – e vai mesmo.

A garota começa a responder ao que o seu companheiro dizia. Porém, quando abre os olhos, percebe que não era ele quem falava, mas sim o que viera “trolar”: ele estava com o rosto muito próximo dos dois. Assim, ficava dizendo coisas, e a garota ia respondendo

pensando que era o seu ficante quem as proferia. Quando ela percebe, o outro sai correndo, e então envergonhada se explica:

– Nossa! Pensei que era você quem tava falando. E eu aqui respondendo...

– Não, não era eu não. Era o meu amigo.

Uma das garotas que havia ficado na sala de repente explode:

– Ah! Quer saber? Vai todo mundo embora agora! Nossa amiga já foi dormir, eu e as garotas vamos posar aqui também e já estamos com sono. Vocês, meninos, eu quero todos fora.

– Ô louco! Essa casa nem é sua – um deles protesta.

– Nem sua também – eleva a voz. – Vão! Agora.

Obedecem. E elas vão dormir.

No dia seguinte, a que havia expulsado a todos na madrugada anterior mais a dona da casa são as primeiras a se levantarem. Imediatamente elas vão ao quarto de hóspedes acordarem as outras duas. Mas na cama só flagram um homem grande, de cueca.

Gritam.

Ele, então, acorda:

– Bom dia, meninas.

Era o rapaz que estava de namoro com uma das colegas, na noite anterior.

Depois ele vai até a casa dos amigos dizendo que cometera uma falha dormindo lá, mas antes disso levanta, toma café, navega nas redes sociais através do computador da casa e vai embora, somente, mais ou menos à hora do almoço.

Nichele ia com alguns amigos a uma festa junina.

Chegando lá, a primeira coisa com a qual se depara é uma fogueira instalada no centro de uma enorme depressão, de um buraco. E, basicamente, todos os presentes na festa se encontravam sentados ao redor dela, se aquecendo e aparentemente refletindo. A paz era o ar que soprava.

Até que alguns rapazes, poupados ainda da maturidade, a fim de fazer graça certamente, atiram um sofá na fogueira. Ela então se expande, ficando enorme e assustadora, além, é claro, de espantar a todos de volta de si, especialmente pela forte fumaça que passa a exalar.

Todos, contrariados, afastam-se. E o clima leve é rompido.

Nichele e seus amigos vão fazer qualquer coisa como comprar quentão. Em meio ao caminho, havia um grupo de pessoas que se agrupava para tirar fotos. Um dos amigos que acompanhava Nichele, pois, se junta ao grupo

de desconhecidos saindo na foto também. Alguns ali o fuzilam com seus olhares.

Depois, percebem que a fogueira havia se normalizado. E agora um grupo especializado de dança mais muitos dos presentes na festa dançava em torno dela. Por ventura Nichele avista um colega – Benjamin – que dançava efusivo lá no meio. Assim, decide introduzir-se naquele fluxo apenas para cumprimentá-lo. E leva seus amigos juntos.

Passar por todas aquelas pessoas excessivamente animadas e compactuadas é um pouco árduo. Mas enfim chegam até ao rapaz em questão. Benjamin não conseguia nem falar ao vê-los. Em resposta, dá apenas um abraço individual em cada um, sacudindo-os e quase os levando ao chão. Então, incapaz de se conter, volta a dançar.

A turma ameaça ir embora. Só que, nesse exato instante, a multidão que dançava em volta deles começa a se agachar misteriosamente. Eles têm de fazê-lo também, um pouco espantados com o que estava acontecendo, senão seriam os únicos de pé em meio a uma aglomeração que se arrastava.

Uma das garotas que se encontrava com Nichele informa:

– Vai acontecer a explosão!

E, antes que alguns ali pudessem processar suas palavras, de repente ocorre uma forte batida na música e então todos saltam de uma vez – excetuando alguns atrasados como Nichele, que demora a entender o que estava acontecendo. Ela vem a se sentir como em um ritual.

E assim eles conseguem sair dali. Agachando-se sempre que necessário, saltando em seguida, tentando acompanhar o ritmo dançante...

Longe de lá, agora eles bailavam algumas músicas caipiras em paz. Até que Benjamin de repente aparece abraçando a todos ali (só constatando que ele conhecia apenas Nichele) e fazendo com que todos pulassem e gritassem. E então subitamente se retira.

Ao fim da festa, Nichele e sua turma estavam sentados em volta da fogueira novamente, mas desta vez havia só eles e mais algumas pessoas esparsas. Relaxavam perante toda a energia gasta naquela noite. E Benjamin se

encontrava ali também, só que afastado e sozinho. Acendia seu cigarro na fogueira e brisava. Até que se aproxima querendo jogar uma das amigas de Nichele no fogo:

– Temos que fazer um sacrifício à Afrodite!

Nisso, muitas pessoas da festa começam a se aproximar novamente, dessa vez pra verem o grupo oficial apresentar uma dança em volta da fogueira mais uma vez. E Benjamin se junta ao grupo, sem saber os passos e inclusive atrapalhando os membros que tentavam se apresentar. Mas o transcorrer da música faz o grupo afastar-se – com várias pessoas o seguindo. Benjamin, no entanto, permanece ali, saltitando euforicamente em volta à fogueira. A amiga de Nichele a alerta:

– Ele vai cair no fogo!

Bastou ela dizer isso que ele salta a fogueira. E depois se retira novamente, como se nada tivesse acontecido.

Porém, algumas pessoas que o viram fazer isso – mais especificamente, alguns rapazes – sentem-se na obrigação de fazer igual para “não ficarem para trás.” E assim começa um festival de pulos à fogueira – que tinha

tamanho significativo. Um exibicionismo que Nichele deixa de achar divertido. Especialmente quando um de seus amigos vai até lá também saltar, só que ele não consegue de todo. E, envergonhado e orgulhoso, passa a saltar inúmeras vezes para provar – não se sabe exatamente a quem – que o conseguia sim. Mas não adiantava. Seu tênis sai faiscando em todas as vezes.



Temos por cenário uma festa, dando zoom em um grupo de amigos que dançava.

De repente, um rapaz completamente desconhecido se aproxima daquela roda, tentando interagir. Só que o seu estado era praticamente caótico: ele tentava dançar levemente, mas estava prestes a cair. Tentava falar, mas só saiam murmúrios.

Era a primeira vez que algumas das garotas iam a uma balada. Por isso, talvez, soltam a pergunta:

– Onde eu posso sentar aqui?

Mas o local era aberto. Assim, seguem até um morrinho de gramado onde muitos estavam sentados, conversando, dormindo, tocando flauta, fumando... E lá se instalam. A garota que havia requerido o lugar para sentar, agora se acomodando, comenta:

– Nossa! Aquele cara que apareceu de repente tava muito mal. – E então o flagra: – Nossa! Ele seguiu a gente!

Ao tentar subir o morro, o rapaz em questão leva um tombo. Mas logo se recompõe respondendo a algumas pessoas que instintivamente buscam acudi-lo:

– To com elas! To com elas!

Consegue sentar-se.

Mayara, a garota ao lado dele, tenta seduzi-lo a uma conversa:

– Como é que você se chama mesmo?

– Vitor.

– E de que signo você é?

Pensa muito antes de responder:

– Acho que eu sou virgem.

– E o que você usou?

– Só bebida.

Dele só consegue extrair essas informações básicas, embora não acreditasse muito nelas. A colega ao seu lado estava morrendo de medo. Até que elas resolvem tirar uma foto. O provável Vitor anima-se num repente, juntando-se a elas para a selfie.

Depois de tirada, elas vão analisar a foto. Mas Vitor permanece em sua pose e sorriso intactos. Percebendo, elas dizem:

– Tudo bem. Já tiramos Vitor.

Aparentemente decepcionado, ele tenta convencer:

– Outra; outra – mas não obtém êxito.

Em seguida, o rapaz passa a brincar com a terra. Pega uns matinhos e vai sentar-se ao lado de um casal aleatório, dando o matinho para a garota. Não obstante, o casal é extremamente receptivo, e os três têm uma conversa animada.

Todavia Vitor parece enjoar-se novamente. E assim retira-se de lá abruptamente, entrando numa barraca que vendia pastel. Mayara observa que o dono o expulsa.

E então Vitor desaparece.

As garotas só vão reencontrá-lo novamente no banheiro, na fila das meninas. Compadecida, Mayara o coloca na fila certa.

No dia seguinte, conversando com um amigo, Mayara percebe que o protagonista da narração deste era Vitor:

– Na volta da festa ontem, eu encontrei com um cara que tava muito ruim. Ele disse que tava indo pra casa. Mas aí eu alertei que ele tinha tomado doce, que não ia ser bom ele ir pra casa ficar em ambiente fechado, porque daí as paredes iam começar a cair em cima dele... Sabe como é! Então indiquei pra que ele fosse lá abraçar umas árvores. Assim o cara foi e ficou abraçado com as árvores.

– Ah, mas ela já encalhou!

– Ô louco! Vinte anos e ainda nada? Mas nem na cidade onde você tá morando agora não arranjou nem um rapazinho?

– Meus caros tios, tias e sociedade: vocês já pararam pra pensar (uma vez que o meu estado de relacionamento os interessa tanto) que eu posso ser assexuada, lésbica ou bissexual, posso simplesmente não querer namorar agora ou nunca (é uma decisão minha tão somente, portanto parem de impô-la), posso ter o meu direito de ser seletiva e me demorar o tempo que necessário pra realmente encontrar uma pessoa sólida, pra que eu não tenha que *sobreviver* depois em relacionamentos caóticos? Posso não achar, como vocês, relacionamentos tão atrativos assim! Posso não ter assistido a tantos filmes de romance. Posso até ter tido alguma experiência extremamente machista que hoje me faça hostilizar os homens. Pelo amor de Deus! Parem de enxergar o mundo como se nele não

houvesse diversidade (é, vocês querendo ou não, este o principal – e talvez a sustentação – elemento de nossa espécie e comunidade). Há infinitas e mais infinitas experiências na vida de cada um. Então não suponham, de imediato, quando forem fazer a famosa pergunta “e os namoradinhos?” um mundo heteronormativo, para começar, e nem que é abominável essa tal pessoa, só porque você morou com os pais a vida toda e depois com o marido ou esposa, morar sozinha, tampouco que o sentido da vida dessa mesma pessoa, assim como o da sua, é crescer, casar e encontrar a felicidade suprema no matrimônio e por aí se seguindo toda a tradição. Por Zeus, vamos acabar com essa estratégia burguesa de controle, que em verdade não beneficia nem a vocês!

“Está na hora, também, de cortar a frase ‘já pode casar.’ Não. Se você amadureceu e se formou como pessoa – se você chegou até mesmo a dar nascimento a si mesmo – não está na hora de casar. Está na hora de fazer e ser o que você quiser; o que você é. Desde, é claro, que não venha a ferir ninguém, incluindo você mesmo.”

“Mundo, obrigado”.



O marido escorpiano acorda no horário do almoço, mais ou menos, indo diretamente à cozinha e falando à sua esposa com um tom de drama e emoção em sua voz:

– Ai, amor, hoje fazem exatamente vinte e um anos que a gente se casou!

A mulher capricorniana, que tomava um café, não deixa transparecer qualquer surpresa:

– Ah, é?

– Sim – com um pico de desapontamento frente à frieza de sua reação.

– Hum. Nem me lembrava disso.

E ainda acrescenta:

– Aposto que foi o seu irmão quem te lembrou!



Algo que derruba completamente a gente, e tira qualquer ego mais exaltado em nós (aliás, que friamente nos lembra de nossa impotência perante as forças misteriosas e destruidoras da vida) é a morte.

Morremos por dentro ao ver os familiares – família, família – desfalecidos diante de sua mãezinha que se foi, agora naquele caixão, e a vontade que temos é a de abraçá-los até que toda a dor passe e então que todos voltem a sentir a vida – embora a morte também seja uma espécie de vida, por mais cruel que isso possa parecer.

Meu coração não conhece esse peso.

Como consolar – àqueles – o inalterável e até vital?

Poucos meses depois, recebo a súbita notícia de que uma colega de minha irmã, 16 anos, se suicidara. Oh, senti que nunca mais poderia falar novamente.

E estou sentindo o mesmo aqui, enquanto escrevo isto. Achei que muito seria a ser refletido sobre o caso, mas

não. Estou seca, sem qualquer gota d'água viva. Fica aqui, apenas, pois, a minha esperança de que ela finalmente tenha encontrado aquela paz que tanto almejava. E que Deus a abrace bem forte.

O suicídio não é atitude de pessoas fracas. Até nisso há julgamento por parte da sociedade (que nunca saberá com profundidade o porquê dessa decisão de tal pessoa). Pelo contrário. Eu vejo muita coragem no ato de tirar a própria vida. Uma coragem triste. Pois a maioria das pessoas tem certo medo, receio ou até mesmo curiosidade de morrer. Tais escrúpulos já existem em relação à morte natural, devido a todo o mistério e incertezas que esta provoca. Então, para que uma pessoa saiba o próprio momento de se tirar de cena, eu imagino que a dor esteja muito grande e com necessidade de morrer. Creio que são pessoas tão intensas que, infelizmente, sentiram muita falta da vida. Então querem paz. Mas para procurarem a paz em algo tão incerto certamente é porque a dor está insuportável.

\*\*\*

Por outro lado, há um tio meu que, certa vez, por ter perdido dado objeto de sua irmã, ficou tão desesperado que passou a tentar se matar, e para isso se jogava no sofá, sempre caindo deitado.

– Mas o que é isso? Não morre nada! – reclamava.

Até que sua irmã chega, alguns dias depois, em sua casa, sendo então informada de que seu objeto fora perdido. E ela responde:

– Ah! Tem problema não! Eu já até comprei outro.

Um moço chega entusiasmado a casa de seu amigo. Seu dia havia rendido devido a uma entrevista de emprego que fizera. Ainda não fazia ideia do resultado. Porém, como qualquer ser humano, precisava partilhar com alguém todos os detalhes, cada acontecimento “emocionante” que se passara dentro daquele contexto de alguns momentos atrás.

Seu amigo não se encontrava em casa, mas o pai dele estava ali. Cumprimenta-o, inicialmente:

– Como vai, seu Abelha?

– Beleza pura, e você? Aceita um cigarro?

– Opa, quero sim. Eu to firmeza também, principalmente porque fiz uma entrevista de emprego que eu tava querendo há um tempo já, e então... – se põe a contar toda a história.

Após alguns instantes, seu Abelha, percebendo que a história não iria ser curta, o interrompe:

– Ah! Quer saber? Não vou ficar escutando isso aqui

não. Vou lá ver a Luizinha, minha nova namorada – e assim se retira, forçando o jovem a um monólogo interior.

– E nem pense em acabar com meus cigarros.

Eu e minha mãe tiramos um fim de semana para viajar. Nosso destino fora Ouro Preto-MG – cidade histórica, pomposa.

Após dez cansativas horas de viagem – de ônibus – chegamos por fim. E de início decidimos andar pela cidade, pois ainda não era hora de entrarmos no hotel – sim, chegamos cedo demais. Entretanto extrapolamos um pouco o horário de voltar; se não me engano porque paramos para almoçar.

Mas, finalmente no hotel, conecto ao Wi-Fi. Talvez alguém tivesse deixado uma mensagem qualquer – e não tivessem necessariamente aproveitando o fim de semana em família em algum pesqueiro, esquecendo-se de todo o resto.

Curiosamente, havia muitas mensagens e até ligações fora do normal. Estranhei. Talvez tivesse acontecido algo.

Tento, então, falar com alguém. Porém todos conhecem a lei de Murphy, não? “Se algo tiver que dar

errado, dará. E da pior maneira possível, no pior momento.” Algo assim. Em meu caso, ligações horríveis, internet que não conectava... Aliás, creio que muita gente passa por isso, por momentos frequentes.

Não obstante, quando finalmente consigo contatar alguém (minha irmã), eu detecto um pico de aflição por debaixo de toda aquela frieza que ela costuma ser:

– Vocês tão bem? – questiona ela.

– Sim. Por quê? – respondo.

– Porque hoje, às sete horas da manhã (lembrando que hoje é sábado), me ligam de um DDD de Minas Gerais, dizendo que eles estavam com minha irmã, e que era pra gente negociar um valor em dinheiro. Eu, então, pedi pra falar com você. E a voz dizia: “Socorro, irmã, estão comigo. Me salve!” Daí o cara voltou ao telefone e disse que a matariam se a gente não pagasse. Eu então retruquei: “Pode matar. Não é minha irmã mesmo.” Porque se fosse você me chamaria de “Birrenta”, né, e não de “irmã.”

– Nossa. Ainda bem que você é esperta, hein? – a palavra agora está comigo. – Porque, se tivessem ligado

pra mim, eu começaria a chorar eternamente. É a única coisa que sei.



Eu tenho uma amiga que tem um irmão que não costuma beber bebidas alcoólicas. Dito isto, que se inicie o conto – ou “causo.”

Eis que esse rapaz sai em determinada noite com os amigos, após alguns desentendimentos com a namorada. E, exilando-se do costume, volta mais tarde, quando já ameaçava amanhecer. Inclusive sua família não o flagra chegando – pois os sonos são densos. Nosso protagonista igualmente cai na cama, e dorme feito o mais inocente.

Mas logo o chacoalham, visando acordá-lo a todo custo. Ele, ainda com um pé no inconsciente, ouve qualquer esboço mais ou menos assim:

– Onde está o carro, Neném?

– Hã – é capaz de murmurar.

– O carro! Onde ele está?

– Na garagem, oras – sua percepção ia ficando mais clara.

– Não tá, não – seu pai estava cada vez mais

exasperado.

Então, Neném levanta-se de um salto. E de repente sai andando. Para fora de casa.

A mãe inquieta-se:

– Para aonde esse menino vai? Sem chinelo, sem nada?

A família o observa ir até a rua de cima. Instantes depois, ele reaparece dirigindo o carro.

É a mãe quem rompe a surpresa:

– Mas ele tava sem nada. A chave desse carro não tava com ele.

Nisso, entreolham-se.

Após irem ao supermercado, um casal de amigos retornava para a república onde moravam – com as sacolinhas lhes pesando nas mãos.

Passam por uma lanchonete. E a garota observa um senhor almoçando. No momento, ele cortava sua carne com garfo e faca.

A garota olha para frente e prossegue, distraída. Até que seus livres pensamentos são interrompidos por gemidos. E eles vinham curiosamente de seu colega.

Vira-se instantaneamente para ele. Então vê que o senhor que almoçava havia atirado sua faca engordurada no braço do rapaz.

E, antes que ela pudesse digerir aquela insanidade e falta de coerência, antes que pudesse analisar um pouco mais atentamente o rosto basicamente inexpressivo e ao mesmo tempo desafiador e insensato do senhor de gravata que até então comia a carne, antes mesmo que pudesse perguntar como é que seu amigo estava, uma

bomba explode no local.

Meu professor de inglês me para no meio do corredor da escola de línguas, e passa a falar ininterruptamente comigo. Não é exagero nenhum dizer que ele ficou um pouco mais de uma hora narrando algumas histórias recentes de sua vida doida. Ei-las em resumo:

– O brasileiro, hoje em dia, anda extremamente mal educado. Acredita que eu fui a uma loja e, ao passar no caixa, a mulher nem olhou pra minha cara, só foi pegando minhas compras e perguntando se eu queria nota fiscal paulista? Daí eu surtei. Perguntei se ela pensava que eu era uma máquina pra nem sequer me cumprimentar. Ela se desculpou, mas fui falar com o gerente. Imagine!

– Você foi mesmo falar com o gerente, professor? – espanto-me.

– Ora, mas é claro. Onde já se viu! Pedi pra ele ensinar um pouco mais de cortesia a seus funcionários, mas nem sei o que ele fez de verdade. Estava tão nervoso que saí antes mesmo que ele pudesse me dar qualquer resposta.

Relatos de meu Ensino Fundamental:

Um garoto me diz:

- Eu sei onde você mora!

Respondo:

- Eu também sei! – toda contente.

Tranquei a porta do meu quarto e guardei a chave. Dali um tempo eu fui entrar no meu quarto, mas estava fechado. Então comecei a esmurrar a porta gritando:

- Ô pai! Abre aí, meu! Eu quero entrar!

Fiquei nisso até a Laís me lembrar de que eu tinha trancado e guardado a chave.

Um garoto que eu havia acabado de conhecer no Godoy estava com o uniforme desta escola e eu pergunto:

- Onde você estuda?

Fui à sala de aula de minha irmã com uma colega chamá-la para falar com ela. A professora, por sua vez, diz que nenhuma Amanda havia ido à escola.

Então me lembrei de que minha irmã tinha faltado.

Estava com minha amiga Ana Paula, até que passa um garoto e eu lhe digo:

- Oi primo da Ana Paula!

O garoto nem olha e prossegue. Nisso Ana Paula “racha de rir”, e diz que aquele não é primo dela.

Um garoto me pergunta quantos centímetros eram grandes e quantos centímetros eram pequenos para mim.

Eu, muito inocente, respondo:

- Ah! Se 12 centímetros são pequenos, uns 50 devem ser grandes.

Num repente, dentro da sala de aula, eu dou um pulo e um grito assustada “do nada”, enquanto a professora explicava a matéria e todo mundo ouvia em silêncio.

Os meninos mergulham em risadas e a professora

inquire, preocupada, o que havia acontecido, e diz que parecia que havia uma cobra ali, devido a minha reação.

Eu acabava de chegar de uma loja com um presente para um aniversário que iria acontecer à noite.

Encontro com o aniversariante. Ele pergunta o que é o presente, e eu respondo:

- Não! Você não pode saber que é uma camiseta.

Entrei na lan house onde só havia meninos. Meu sapato estava úmido, pois lá fora chovia. E o chão do local era muito liso, e eu levo um escorregão ao entrar lá, o que atrai olhares e risadas.

No momento, um assunto polêmico era o Haiti, principalmente nas aulas de geografia. E em uma aula dessas a professora comentava sobre o Haiti. Eu viro para o meu colega e pergunto:

- O que é o Haiti?

Ele quer morrer com a pergunta. Para piorar fala para a professora. Ela olha para mim “com uma cara” e então



explica.

Douglas esperava, no portão de determinada casa, um amigo, dentro de seu carro.

Era noite.

E, da escuridão, num repente, emergem dois homens mascarados, portando uma arma.

Abordam Douglas. Obrigam-no a sair do automóvel, tomando celular e tudo o mais – senão o matariam e coisas afins.

O moço se rende.

Os bandidos, por sua vez, partem.

Mais tarde, Douglas me conta que perdera seu celular, mas que conseguira recuperar o carro, pois a gasolina deste estava na reserva, ou seja, praticamente no fim, e então os assaltantes o abandonaram em meio ao caminho.

Eu havia comprado um colchão.

Eles o entregariam em minha casa na segunda-feira.

Dada a hora, fui para o portão esperar.

E eles demoram.

Os carros passavam, e seus condutores não paravam de olhar. Fui ficando desconfortável. Além do mais, estava com roupa “de ficar em casa.”

Até que um caminhãozinho para em minha frente. De imediato corro para lá, a fim de acabar logo com aquilo.

O motorista me indaga:

- Quanto é o boquete?

Eu demoro a entender e assimilar aquela questão, e fico perguntando:

- O quê?

Diante de meu desentendimento, ele vai percebendo que eu não era uma das profissionais do sexo que ficavam ali pela rua, e então vai murchando:

- Ah! Você não tava aqui esperando as meninas?

- Ih, moço. Achei que você tinha vindo trazer o meu colchão.

Seguimos nossos destinos.

Estava eu lá, preparada para o exame prático – e final – de minha carta de motorista.

Preparada entre aspas. Estava nervosa, pelo o que eu me recordo. Mas de um nervosismo natural – e até certo ponto bastante controlado.

Havia um examinador, eu observava, com uma cara muito casmurra. Fui pegando certa raiva dele – ele parecia ser muito grosso com os alunos; parecia desencorajá-los. E eu detesto quem faz terror psicológico (mesmo que para tais terroristas possa soar como estímulo à resistência psicológica).

Comentei com meu instrutor sobre aquele homem em questão. E meu instrutor, no geral, um verdadeiro e ácido destruidor de opiniões, me responde:

- Mas é com ele mesmo com quem você vai.

Duvidei até a morte.

Porém, ele estava certo.

Entrei no carro com uma cara amarrada e nem o

cumprimentei – um de meus defeitos mais gritantes é meu alto grau de expressionismo; eu não consigo disfarçar, por nenhum convencionalismo no mundo, minhas emoções mais sinceras, profundas e obscuras. E isso vai me matar pra sempre.

O examinador, aparentemente estranhando meu comportamento, cumprimenta-me simpático:

- Olá. Tudo bem?

Eu, por minha vez, estranhando a reação dele, quebro um pouco minha até então atitude de gelo.

Ligo o carro e vou.

No momento da tão intimidadora baliza, eu entro com algum esmero, porém o carro fica estacionado um pouco longe da guia. Isso havia acontecido na aula anterior, na aula de “revisão”, e eu lembrava que para consertar aquilo tinha de fazer muitas manobras avançadas – com um raciocínio exato demais para uma mente tão abstrata feita a minha.

Percebendo que estava encurralada, resigno-me:

- Xi! Não vou conseguir fazer isso não.

Tenho a impressão de, por eu ter dito com tamanha

naturalidade e indiferença, o homem ao meu lado tenha se espantado um pouco, assim respondendo-me:

- Mas você não vai nem tentar?

- Ah! Eu fiz isso aqui ontem. É muito complicado. Não vou conseguir me lembrar.

- Sai e faz de novo.

Ilumino-me em um sobressalto:

- Pode?

- Claro, ué.

O faço.

Mas, ao sair da baliza, ele me pede para prosseguirmos o caminho.

Então vamos dar aquela voltinha básica pelo quarteirão, onde, claro, esqueço-me da seta e coisas do gênero.

Ao voltar, ele solicita a baliza novamente. Então, passamos direto pelo ponto final, onde todos aguardavam. Naturalmente, as pessoas se espantam por aquele acontecimento incomum. O examinador, portanto, me alerta:

- Se alguém perguntar, diga que um carro te

atrapalhou fazer a baliza da primeira vez.

Consinto.

E, com algumas indicações dele, a tarefa dessa vez é realizada com perfeição.

Ele finaliza:

- Você sabe dirigir direitinho. Parabéns.

E assim obtenho minha carta.

Ao sair do automóvel, todos querem saber o porquê eu fiz a baliza duas vezes. A todos eu conto aquela mentirinha combinada, exceto ao meu instrutor, que paga, aliás, após muita pressão minha, uma água para mim.

Arrependi-me, obviamente, de ter julgado o homem por sua expressão inicialmente. Se não fosse por ele, eu jamais teria tirado carta de um modo que me simbolizasse tanto – e muito menos teria uma história para contar.



Estávamos eu e minha mãe caminhando até o supermercado.

Íamos em paz, tagarelando.

Até que uma moto passa pela gente, e os dois rapazes que se encontravam nela nos “secam”; olham descaradamente, sem qualquer respeito, e não observando mais sua direção à frente.

Até que: pimba! Batem em uma caçamba, caindo ambos na rua, esfolando-se.

Procuramos não olhar muito, para não constrangê-los mesmo. Mas o que eu vi já me deu certo prazer, pois me senti contemplada pelo o que acontecera: a expressão deles era de frustração e vergonha, com um pico de humilhação.

Almoçando em um restaurante junto a alguns amigos, eu lhes contava sobre o dia em que me mudei para a cidade de São Paulo:

- Contratamos um taxista amigo da família para nos trazer até aqui. Meu pai, até então, não sabia dirigir em São Paulo (até hoje não sabe) e, pelo menos naquele dia de minha mudança, preferimos vir de carro para trazer minhas coisas. E foi muito engraçado as reações de meu pai, um homem tipicamente interiorano (e que se acha o urbano), chegando na capital.

“O trânsito estava acentuadamente gigante aquele dia, pois havia acontecido um acidente com um caminhão na noite anterior. Então estávamos lá, entediados dentro do carro estagnado, ao lado do motivador rio Tietê, quando meu pai começa a soltar: ‘Será que nenhum famoso passa de carro por aqui não? Se o Rei do Gado passasse, eu acenava pra ele.’; ‘Nossa! Mas eu no meu carrinho aqui nesse trânsito parado acabava com a embreagem dele. E,

pelo jeito, aqui não tem caminhão de turma não né?”

Após o relato, uma amiga que escutava atenta, segurando distraidamente o garfo agarrado a um pedaço de carne já há alguns segundos, passa a rir descontroladamente, até que derruba aquela carne dentro do próprio sutiã.

BASEADO EM FATOS REAIS (Os nomes, evidentemente, foram alterados).

Bostião estava entranhado na noite escura. Com as mãos abandonadas nos bolsos de sua calça, caminhava a esmo. Até que uma cena lhe chama à atenção – talvez porque sua mente estivesse extremamente vazia naquele momento, já com saudades de novas emoções.

Um homem jogava um grande saco no lixo. E depois esse homem parte.

Bostião, estranhamente, inquieta-se com aquilo, não conseguindo reprimir a curiosidade. Vai, portanto, até o lixo – e torcendo para que ninguém o notasse – e abre o saco em questão com as mãos de seus mais primitivos instintos.

Para sua surpresa, havia ali dinheiro. Muito dinheiro.

Sendo Bostião um homem de fé em Deus, passa a meditar:

– Ah, Senhor! O que é isso? Tive curiosidade pra ver o que aquele homem estava jogando fora, e agora encontro isso. O que eu faço?

Sente, pois, em seu coração: “Pegue metade desse dinheiro para você, e a outra metade guarde no banco. Mas deixe lá guardada. Não mexa.”

E assim o faz.

Com o dinheiro, compra um sítio. E lá passa a trabalhar.

Certa vez, ali aparece um homem pedindo água.

– Opa! Mas é claro. Vou buscar para você.

Enquanto bebia, o visitante observa:

– Notei que aqui em seu sítio tem bastante coisa. Será que você não estaria precisando de alguém pra dar uma mão? Eu tava procurando um empreguinho.

– Claro! Tem bastante coisa pra se fazer aqui mesmo. Se quiser, pode roçar um pouco por ali – aponta para o local. – Depois a gente bate mais um papo.

– Ok – e assim executa o serviço.

Bostião, tendo gostado, o contrata de fato. Bostião era casado, e sempre ia à igreja com sua família. Em dado

momento, sente de convidar o seu empregado a ir também.

Shadow – era esse o seu nome – aceita o convite. E gosta. Passa a ir regularmente, até batizar-se.

Lá, conhece uma moça com quem inicia um romance que progride. Após um tempo, os dois decidem se casar. Comenta com Bostião, que reage:

– Ora! Os felicito! Certamente vai ser um casamento muito bonito.

– Bem. Nem tanto. Acho que teremos de adiar. Quero juntar um dinheiro para poder comprar os móveis, uma casa... Agora não tem jeito.

Pensativo, Bostião indaga:

– Mas me diga Shadow, o que você fazia antes de vir trabalhar aqui?

– Se eu te contar minha história, o senhor nunca acreditaria.

Intrigado, o fazendeiro insiste:

– Me conte sim. Por que é que eu não acreditaria?

Shadow suspira e dá a largada:

– Olha! Eu era um homem muito rico; era um grande

empresário. Mas entrei em uma depressão profunda em dado momento de minha vida. Pois eu tinha uma mulher, mas ela me largou pra ficar com outro... Enfim! Daí, achando que nada daquilo valia, peguei absolutamente todo o dinheiro que eu tinha e joguei numa lixeira.

Impressionado, Bostião se ouviu dizendo o que o seu coração lhe gritava:

– Bem. Eu tenho um dinheiro guardado no banco. Pode preparar o casório, que esse dinheiro agora é todo seu.

Passei meses organizando uma viagem em um feriado específico do ano. Meu destino era o país Mongólia, na Ásia Oriental. Tinha por fim complementar uma pesquisa acadêmica.

Chegado, pois, o grande dia, após um voo turbulento, eu ponho os pés, finalmente, naquelas terras. Era inverno e, portanto, eu estava preparada. Ou acreditava que estava. O frio com o qual me deparei era quase surreal.

Pois bem. Vou para o hotel descansar e, mais à noitinha daquele dia, encontro com outra pesquisadora, uma grande amiga, em um café. A forte névoa que regia as ruas nos impedia de enxergar com clareza. Porém avisto, casualmente, algo tão espantoso que ficara nítido em minha mente.

Em nossa direção caminhava uma mulher alta e grávida, acompanhada por três crianças – dois meninos e uma menina. Essas crianças, por sua vez, de remelas nos



olhos e descalças (apenas uma usava chinelos), estavam todas completamente peladas.

Ao passarem, de modo despercebido, pela mesa em que estava eu e minha amiga, me pego indagando um pouco exaltada à mulher agasalhada:

- Minha senhora! Essas crianças não estão com frio não?

Um pouco espantada com a abordagem inesperada, a mulher então diz com uma naturalidade aterrorizante:

- Criança não sente frio.

E prossegue seu caminho com aqueles meninos logo atrás encolhidos, de braços cruzados e tremendo freneticamente.

A névoa logo tapa a visão daquele grupo.

Divina nasceu em uma família pobre, de dez irmãos vivos, na zona rural, em uma época um pouco mais estratificada, onde a classe C ainda não era tão presente.

Embora os tapas da forte desigualdade social que afetava sua família, a mulher até hoje sente uma saudade feroz de sua infância, que fora para si a melhor fase; a mais riquíssima – em todos os aspectos viscerais.

Aos treze anos, todavia, parte para a cidade de São Paulo, sob orientação de uma de suas irmãs mais velhas, trabalhar de babá e empregada doméstica em uma família de intelectuais, onde o homem, por exemplo, era escritor e trabalhava em um canal de TV cultural.

Embora fosse uma família rica, eles costumavam contratar garotas de fazenda – que não tinham nenhuma experiência como babá – a fim de aplicarem mão de obra barata, ou seja, a fim de pagar pouquinho a elas.

Divina sente-se, ao chegar a São Paulo, como Macabéa chegando ao Rio de Janeiro. E vai morar na casa dos patrões, no famoso “quartinho dos fundos.”

A questão da segregação entre patrão e empregado era muito forte: além de não poder estar nunca sem uniforme, a senhora da residência, ao oferecer suco a Divina, por exemplo, sempre lhe dava um copo de plástico, diferente do seu, de vidro (quando não importado). E, ao perguntar àquela se ela gostaria de assistir televisão na sala, pegava-lhe então uma cadeira, pois não poderia se sentar no sofá.

Essa senhora, entretanto, em dada altura de sua vida fica doente, afetada por problemas psicológicos. Enfermeiras eram contratadas para cuidarem dela, porém lhe maltratavam: batiam-lhe, gritavam com ela... Divina, ainda hoje, ao se lembrar daqueles tempos, sente com veemência todo o sabor amargo da pena com a qual era preenchida ao presenciar tais maus tratos.

E, nessas condições, a senhora passa a ir ao quarto de Divina, a dormir junto dela, buscando por abraços ou

qualquer réstia de carinho. E tudo isso lá mesmo, no  
quartinho dos fundos.

## *40. Divagações finais*

A vida pode ser cruel, mas se não fosse por ela, jamais entraríamos em contato com nós mesmos. E, mesmo que você afirme que não goste de ti, se for reparar bem em suas camadas mais profundas, perceberá que ninguém é mais importante ou pode te fazer tão feliz quanto você mesmo, unicamente. Em outras palavras, no momento em que nos descobrimos tudo vale à pena (por maiores tempestades que possamos ser).

Caminho por este mundo e, fantasmagoricamente, num instante eu estou aqui, noutro já estou acolá. Caminho indiferente, sem o mundo mais conseguindo me penetrar celestialmente. Meu corpo está aqui, nesses asfaltos, nesses barros, mas eu não estou aqui. Não sei onde estou – sei que é qualquer lugar capaz de deixar minha alma estonteada. Queria estar lá comigo. Mal me sinto. Mas o que sinto já é dádiva.

Eu estou me deixando louca – mas me fazendo feliz  
ao mesmo tempo.

Prefiro crer em Deus que no homem.

Se por ventura alguma outra espécie animal fosse  
racional, e não o Homem, talvez ela fosse ainda mais  
cruel. Ou um pouco mais sábia, quem sabe.

Minha vida anda tão comportada ultimamente que eu  
estou até me deixando em paz e sendo afável comigo.  
Adoro esses períodos; é uma pena, no entanto, eu ter  
ciência de que eles são temporários. Logo logo se inicia  
uma tempestade nova.

Sempre quando me sinto, eu choro.

Nunca tive tamanho sono da vida!

É um consolo nossa única certeza ser a morte.

Dei alguns passos. Esses passos agora são meu passado. Quem guarda o passado? Em qual setor do tempo ele fica armazenado? Por que uma atitude colossal de hoje será esquecida ou ridicularizada no futuro? O que isso diz em verdade? Que apenas superestimamos todas as coisas, mas na verdade nada, absolutamente nada, importa ou tem valor? Certamente.

As coisas mudam. Suas atividades, as pessoas que entram e saem de sua vida, a sua própria pessoa e tudo o que ela engloba. Isso é um percurso natural, aparentemente, mas o meio social também dá uma forcinha. Convivemos com determinadas pessoas por alguns anos, por exemplo, em uma escola ou local de trabalho. Depois você muda de escola ou emprego, ou vai para a faculdade... As coisas obrigatoriamente vão mudar: o meio, os indivíduos. Mas e se, por ventura, você tivesse ficado naquele antigo lugar para sempre? Quem você seria hoje? Quem?

Ah, francas indagações! Vocês são as únicas virtudes ou fatalidades que me restam; que me compõem.

Por que a vida tem de ser em primeira pessoa?  
Definitivamente, não faz sentido.

Eu não me trocaria por nada nem ninguém.

Por favor, me respeite e nunca me chame de civilizada.

Por que Deus teria nos criado? Certamente Ele se complementa em si mesmo, mas então Ele quis extravasar e criar uma conceitual obra de arte. Seria a gente o resultado do dom de Deus? Somos, ainda, seres jovens no mundo. Antes disso, então, Deus se preparava? Amadurecia? Será que Ele também amadurece de instante a instante (embora os instantes não existam) como nós? Oh, para que escrever se só me restam indagações? Mas elas amadurecem, todavia, me levando ao enriquecimento e à loucura. A cada vez mais tomo maior consciência da morte para a qual caminho – rapidamente. Mas não sei o que isso significa. Não sei o que nada significa. Não temos muito controle de nós mesmos. Eu, por exemplo, estava



passando por uma fase um pouco superficial nos últimos tempos. Me incomodava, mas eu sabia que não havia como lutar contra ela. Tinha de esperar ela passar (ao menos torcia para que ela passasse). Mas como assim? Por que eu me transformo em determinado tipo de pessoa por uns tempos sem a minha própria permissão? Eu não sou fixista. A cada dia sou uma, e, no entanto com uma base só para todas estas. A base, portanto, sou eu. E os meus demais são tudo aquilo que eu recebo com vitalidade – para ser, oh ser! Mentira. Eu nem existo. Ao menos não de um modo determinista. Existo entre as fumaças mais puras e poluídas. E sempre estou com saudades de escrever. Agora observo as pessoas em suas vestimentas do ser. Em seus ápices, quem sabe. Quem sabe.

E quando eu chegar ao ápice de mim? O que acontecerá? Às vezes sinto que estou extremamente longe disso. Às vezes sinto que já me ultrapassei. Mas acho que enquanto escrever, eu sempre estarei me tocando e me distanciando novamente, num ciclo eterno, mas cada vez

mais enriquecedor.

Morrerei de mim.

EU TENHO UM INFERNO DENTRO DE MIM

Copyright 2017 Caroline Fortunato

Published by  
Appaloosa Online Indie Publishing

[www.appaloosabooks.com](http://www.appaloosabooks.com)